

Vanusa da Silva Lima
Stéphanie Nasuti

GALERIA/Gallery

Universo Quebradeiras

The universe of babassu coconut breakers

Fotografias/*Photos*: Vanusa da Silva Lima^a

Texto/*Text*: Vanusa da Silva Lima e Stéphanie Nasuti^b

^aAssessora técnica PBA Timbira, Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxù, Mestranda no Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil
End. Eletrônico: vanusababassu@gmail.com

^aTechnical Advisor for the Timbira Basic Environmental Project of the Association of the Apinajé-Pempxù indigenous village, Master's degree candidate in the Professional Master's Programme in Sustainability of Traditional Peoples and Territories, Center for Sustainable Development, University of Brasília, Brasília, DF, Brazil.
E-mail: vanusababassu@gmail.com

^bProfessora adjunta, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil
End. Eletrônico: steph.nasuti@gmail.com

^bAssociate Professor, Center for Sustainable Development, University of Brasília, Brasília, DF, Brazil.
E-mail: steph.nasuti@gmail.com

Palmeira na "estrada do Arroz",
Imperatriz/MA, 2013.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

doi:10.18472/SustDeb.v8n2.2017.26924

INTRODUÇÃO

“Mata de cocais”, ou “babaçuais”, denominam as áreas geográficas com grande incidência das palmeiras de babaçu. Esta palmeira, da família botânica Arecaceae, é nativa do Brasil e ocorre em diversos países da América Latina. No Brasil, encontra-se em 11 estados, cobrindo 13 a 18 milhões de hectares¹, destacando-se em povoamento os estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará. Floresta antrópica por excelência, as palmeiras de babaçu ocupam áreas desmatadas, principalmente por queimadas. Prolifera-se com facilidade, formando em poucos anos uma mata fechada.

O extrativismo do babaçu é um dos mais tradicionais do Brasil, em virtude de sua imensa área de abrangência, das inúmeras potencialidades de aproveitamento para a vida rural, assim como pela forte mobilização social e política em favor do acesso livre aos babaçuais.

INTRODUCTION

Palm forests, or babaçuais, designate geographical areas with large incidence of the babassu palm trees. This palm tree, from the botanical family Arecaceae, is native to Brazil, and can be found in several Latin American countries. In Brazil, babassu palm trees are present in 11 states (mainly in the states of Maranhão, Piauí, Tocantins and Pará) thus covering a territory of 13 to 18 million hectares. An anthropic forest par excellence, babassu palm trees tend to occupy areas which have been previously deforested by slash and burn clearing. Proliferation of the babassu is fast, as it can become a closed forest within a few years. Babassu extractivism is a traditional activity in Brazil due to its widespread coverage and countless uses in rural life, as well as the strong social and political mobilization in favor of free access to babassu forests.



Ocorrência de *Attalea phalerata* e *Attalea speciosa* no Brasil
Fonte: adaptado de LORENZI, 2010, reproduzido de Carraza et al., 2012².

Occurrence of *Attalea phalerata* and *Attalea speciosa* in Brazil
Source: Adapted from LORENZI, 2010, reproduced from Carraza et al., 2012².

1 CARRAZZA, Luis Roberto; SILVA, Mariane Lima da; ÁVILA, João Carlos Cruz. Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto do Babaçu. Brasília – DF: Instituto Sociedade, População e Natureza (ISP), Brasil, 2012.
2 CARRAZA, L.R.; CRUZ E ÁVILA, J.C.; DA SILVA, M.L. Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto e da Folha do Babaçu (*Attalea* spp.). Brasília: ISP, 2012.

Denominamos Universo Quebradeiras o espaço social, geográfico e político no qual 400 mil mulheres camponesas compõem a paisagem, vivem e criam suas famílias em vínculo estreito com as palmeiras de babaçu.

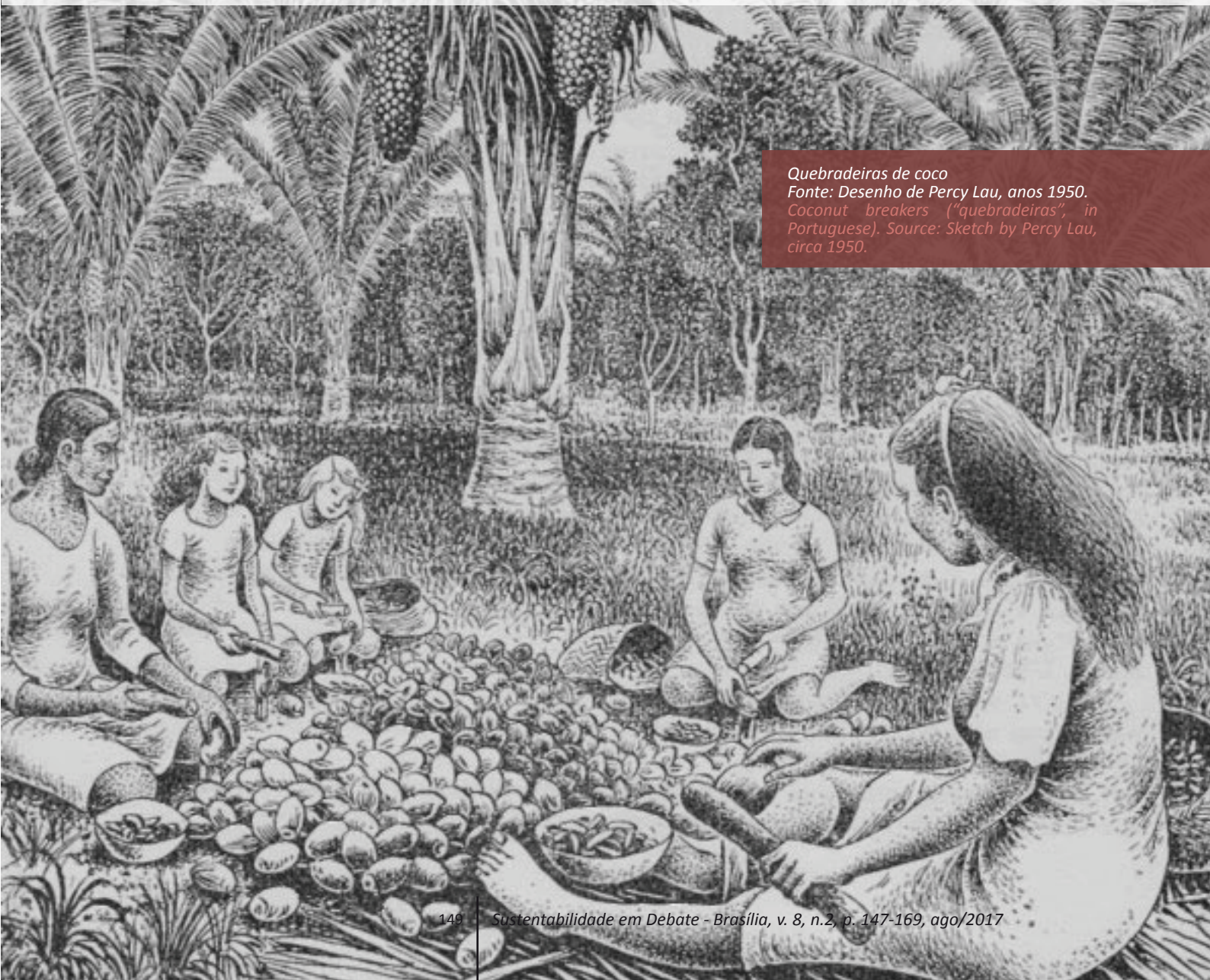
Desde sempre, um cocal, e uma mulher debaixo da palmeira são elementos comuns da paisagem. Das amêndoas fazem leite e azeite para temperar pratos típicos. Quando havia excedente, este era repassado para um comerciante local em troca de um quilo de açúcar. Progressivamente, as mulheres envolvidas com o extrativismo do babaçu passaram a se autodenominar “quebradeiras de coco babaçu”, construindo sua identidade política a partir da valorização do seu modo de vida, característica comum para muitas formas de organização popular no início dos anos 1990.

Foi assim que surge, com força política e afirmação identitária, o movimento das “Quebradeiras de Coco Babaçu”, congregando representantes do Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins, em luta pelo acesso aos babaçuais e a preservação dos modos de vida associados.

We use the expression “Quebradeira (coconut breakers, in Portuguese) Universe” to describe the social, geographic and political space in which around 400 thousand rural women become a part of the local landscape while living and bringing up their families in a close bond with babassu palm trees.

A woman under a babassu palm tree has become a classical element in the iconography of Brazilian landscapes. From the almonds they make milk and olive oil with, to season typical dishes they prepare, the quebradeiras universe is rich and complex. When there is surplus, quebradeiras passé it on to local merchants in exchange for sugar. Progressively, the women involved in babassu extractivism began to call themselves “babassu coconut breakers”, building a political identity based on the appraisal of their traditional livelihoods, as it also happened with other popular organizations in the early 1990s.

This was how the movement of Babassu Coconut Breakers emerges with political force and affirmation of identity with representatives from Maranhão, Piauí, Pará and Tocantins, in a struggle to guarantee free access to babassu forests and the preservation their ways of life.



*Quebradeiras de coco
Fonte: Desenho de Percy Lau, anos 1950.
Coconut breakers (“quebradeiras”, in Portuguese). Source: Sketch by Percy Lau, circa 1950.*

A PALMEIRA DE BABAÇU

Uma palmeira em idade fértil (em torno de 8 anos) garante sua florada nos meses de agosto a janeiro, e chega a produzir até seis fartos cachos de babaçu, presos por um pêndulo de até um metro de comprimento. Cada cacho agrega de 300 a 700 frutos, que podem chegar a 15 cm de diâmetro, e no seu interior têm de 1 a 8 amêndoas, popularmente chamados “bagos”.

“Pindoba” ou “pindova” é a denominação das palmeiras jovens. As adultas se destacam em crescimento vertical, atingindo até 20 metros de comprimento. Sustentam uma copa com folhas (as palhas) medindo de quatro a 8 metros de comprimento. Ao cumprir seu ciclo de vida a palmeira cai naturalmente e torna-se um rico adubo orgânico, muitas vezes transplantado para os canteiros cultivados nos quintais das quebradeiras de coco babaçu.

THE BABASSU PALM TREE

A palm tree in the fertile age – which lasts around 8 years - flowers from August to January, and produces up to six large babassu bunches attached to a stem that measures up to one meter. Each bunch can have up to 300 to 700 fruits that can reach 15 cm in diameter, and has 1 to 8 almonds that are popularly called nuts.

“Pindoba” or “pindova” is the name given to the young palm trees. Adults stand out in vertical growth, reaching up to 20 meters in height. They have a canopy with leaves measuring from four to 8 meters in length. As it reaches the end of its life cycle the palm tree naturally falls and becomes a rich organic fertilizer, often taken to the vegetables garden grown by the babassu coconut breakers in their backyards.



Cacho de coco, Comunidade Pifeiros, Amarante do Maranhão/MA, 2012. Foto: Vanusa da Silva Lima.

Coconut Bunch, Pifeiros Community in Amarante do Maranhão in the state of Maranhão (MA), 2012. Photo: Vanusa da Silva Lima.

Vanusa da Silva Lima
Stéphanie Nasuti



*Roça consorciada com o babaçu, aldeia Cocal Grande, TI Apinaye, Tocantinópolis/TO, 2014. Foto: Vanusa da Silva Lima.
A field intercropped with babassu, Cocal Grande indigenous village, Apinaye, in the state of Tocantinópolis (TO), 2014. Photo: Vanusa da Silva Lima.*

MODOS DE USAR E VIVER

On Livelihoods and Babassu Coconuts

O babaçu é pai e mãe da gente, da palmeira tudo se aproveita. / Babassu is the father and mother of all of us, We make use of everything a palm tree gives us.

Maria Querubina
Quebradeira de coco/ coconut breaker



*Coleta de coco, Estrada do Arroz, Imperatriz/MA, 2011.
Foto: Vanusa da Silva Lima.
Coconut Collection, Rice Road, Imperatriz,
Maranhão 2011.
Photo: Vanusa da Silva Lima.*

Uma atividade tradicional carregada de desafios, desde a colheita (quase sempre em áreas particulares) à insalubre quebra do coco para a retirada da amêndoa com machado e porrete. A quebra do coco é, historicamente, feita quase exclusivamente pelas mulheres. São elas que extraem as amêndoas do babaçu, que são o principal produto.

A presença dos homens nos babaçuais não está ligada com a “quebra do babaçu”, mas com a coleta do coco inteiro, retirada das palhas para confecção de moradas e com a própria derrubada da palmeira.



A amêndoa do coco, Vila Conceição,
Imperatriz/MA, 2014.
Foto: Vanusa da Silva Lima.
Coconut almonds, Vila Conceição,
Imperatriz / MA, 2014.
Photo: Vanusa da Silva Lima.

This traditional activity faces several challenges, from harvesting (almost always in private-owned areas) to the unhealthy task of breaking open the coconut for the removal of the almond with a hatchet and a wooden truncheon. Historically, breaking open babassu coconuts is a chore carried out exclusively by women. Women are the ones that extract almonds, which are the main product of the babassu palm tree.

Men do not participate in the breaking of the babassu coconut. They collect and gather the coconut, withdraw the straw (the leaves of the babassu) to build houses and they slash palm trees.



A quebra do coco e a extração da amêndoa são feitas manualmente. Depois de extraídas, as amêndoas podem ser consumidas in natura. Trituradas no pilão, produzem um leite concentrado e largamente utilizado no cozimento de favas, carnes de caças, peixes e em alguns tipos de mingaus.

O machado usado pelas quebradeiras foi adaptado das atividades agrícolas. Para o porrete é escolhida uma madeira forte, que resista a duros golpes. Até hoje, nenhuma tecnologia mecanizada conseguiu substituir de forma satisfatória esse jeito secular tradicional de quebrar coco e extrair amêndoa.

As quebradeiras se referem ao endocarpo, que tem de 2 a 3 cm de espessura, como o “osso do babaçu”, uma vez que requer muita força para conseguir retirar a amêndoa totalmente preservada.

The breaking of coconuts and the extraction of the almonds are done manually. Almonds can be eaten raw. When crushed in a mortar, they produce a type of concentrated milk that is widely used for cooking fava beans, game meat, fish and porridges.

The hatchet used by the breakers has been adapted from other agricultural activities. The truncheon is made out of hard wood pieces in order to withstand strong blows. To date, no mechanized technology has been able to satisfactorily replace this traditional and secular way of breaking coconuts without cutting the kernel in half.

The breakers refer to the endocarp, which is 2 to 3 cm thick, as the “babassu bone”, since it requires a lot of strength to crack it open and extract the fully preserved almond.

Quebra de coco em casa na Comunidade Pifeiros, Amarante do Maranhão/MA 2012. Foto: Vanusa da Silva Lima.

Coconut breaker at home in the Pifeiros Community, Amarante do Maranhão 2012. Photo: Vanusa da Silva Lima

Deve-se respeitar o tempo que o babaçu leva para se desprender dos cachos e para que as amêndoas se soltem do endocarpo com facilidade.

A quebra do babaçu, para a extração da amêndoa, requer força e coordenação motora, agilidade e olhar apurado. Para realizar este conjunto de ações, a mulher acomoda-se sentada ao chão por horas consecutivas, comprometendo a coluna e a audição. Acrescentando-se a insalubridade da atividade, ficam expostas nas matas, sem proteção do sol, chuva e insetos e animais peçonhentos.

It is important to wait until the babassu falls off the bunch so that the almonds can be easily removed from the endocarp. The breaking of the babassu, for the extraction of the almond, requires strength and motor coordination, skill and sharp eyesight. Women sit on the ground for hours bending over to break the coconut. The activity highly compromises their spine and hearing capacity. Adding to the insalubrities of the activity, these women work in the forest without any protection from the sun, rain, insects and poisonous animals.



Extração da amendoa utilizando o machado. Comunidade Pifeiros, Amarante do Maranhão/MA, 2012. Foto: Vanusa da Silva Lima.

Extraction of the almond using a hatchet. Pifeiros Community, Amarante do Maranhão, Maranhão, 2012. Photo: Vanusa da Silva Lima.

Com o mesocarpo, parte da casca do babaçu, faz-se a farinha do babaçu, que contribui consideravelmente para a segurança alimentar do grupo. O mingau ou chocolate é um prato tradicional. Com a retirada das amêndoas, sobram as cascas que são carbonizadas em caieiras (buracos circulares de mais ou menos 80 cm de largura e com até 90 cm de profundidade). A atividade ocorre ao mesmo tempo que a quebra do babaçu. Após passar pelo processo de carbonização, o buraco é coberto por uma camada de palha de babaçu por uma semana para ser retirado e usado como carvão nos fogareiros.

The babassu flour, which considerably contributes to the group's food security, is made from the coconut's mesocarp. Porridge (or chocolate) is a traditional dish. With the removal of the almonds, the bark is carbonized in circular kilns (holes of about 80 cm wide and up to 90 cm deep). The carbonization process occurs after women break the babassu. After burning the bark, the hole is covered with a layer of babassu straw for a week to be removed and used as charcoal.

Casca do coco babaçu usadas na produção de carvão, Estrada do Arroz, Imperatriz/MA, 2012. Foto: Vanusa da Silva Lima.

Babassu coconut bark used in charcoal production, Rice Road, Imperatriz, Maranhão 2012. Photo: Vanusa da Silva Lima.

*Nothing is wasted in the process. Even the gongo, the larva of the beetle *Pachymerus nucleorum*, which grows in the babassu fruit and carries in its flesh the pure flavor of the babassu, is fried or roasted on skewers and eaten with farofa (roasted flour).*

*Nada se perde no babaçu. Até mesmo o “gongo”, a larva do besouro *Pachymerus nucleorum*, que cresce no fruto do babaçu e carrega em si o puro sabor do babaçu, é frita ou assada em espetos e torna-se acompanhamento nas farofas.*

Espeto do gongo do coco babaçu, Reserva extrativista do Ciriaco, Cidelândia/MA, 2007. Foto: Vanusa da Silva Lima.

Gongo skewers, Extractivist Reserve of Ciriaco, Cidelândia, Maranhão, 2007. Photo: Vanusa da Silva Lima



Maria Colodino é moradora da Resex Ciriaco, Cidelândia/MA, 2010.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

Maria Colodino is a resident of the Ciriaco Extractive Reserve, Cidelândia, Maranhão 2010. Photo: Vanusa da Silva Lima.

O azeite do babaçu faz parte da culinária regional e nas receitas camponesas substitui o óleo industrializado. É extraído por meio de um processo artesanal, após a trituração no pilão e o cozimento da amêndoa, atividade que demanda tempo e precisão. O azeite também é utilizado na preparação do sabão de coco, igualmente elaborado de modo artesanal.

A comercialização do azeite acontece das mais variadas formas: escambo de mercadorias nas próprias comunidades, pelos atravessadores ou comerciantes alternativos, bem como em bodegas que se organizam na beira das estradas.

Babassu oil is part of the regional cuisine and replaces industrialized oil in rural worker's recipes. After grinding the kernel in a mortar, the oil is extracted by means of an artisanal cooking process - a time-consuming activity that requires skill and precision. Babassu oil is also used in the fabrication of soap, which is also artisanal.

The commercialization of babassu oil occurs in a variety of ways: barter exchange of goods within the communities themselves, by the intermediaries or alternative trade, as well as in roadside stalls.



Produção do azeite de coco, Resex³ Ciriaco, Cidelândia/MA, 2011.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

Babassu oil fabrication, Ciriaco Extractive Reserve, Cidelândia, Maranhão, 2011.
Photo: Vanusa da Silva Lima.

³ A Reserva Extrativista – RESEX é uma categoria de unidade de conservação de uso sustentável, estabelecida pela Lei 9.985/2000 (Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC). As RESEX são utilizadas por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (MMA, 2017).



Coco inteiro virando carvão, Estrada do Arroz,
Imperatriz/MA, 2011.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Whole babassu charcoal, Rice Road,
Imperatriz, Maranhão, 2011.
Photo: Vanusa da Silva Lima.*

Comércio do azeite de coco, Estrada do Arroz,
Imperatriz/MA, 2015.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Roadside stalls selling babassu oil, Rice Road,
Imperatriz, Maranhão, 2015.
Photo: Vanusa da Silva Lima.*



Entre os gargalos da comercialização desse produto – como de toda a cadeia do babaçu – estão a desvalorização do produto no mercado e a ineficiência das políticas públicas para garantir seu escoamento.

Vale lembrar que, antes de adentrarem os babaçuais, o dia das quebradeiras já teve inúmeras atividades, como cuidar dos filhos, da casa, da alimentação da família, entre outras multitarefas. É importante lembrar que a coleta e transformação do babaçu, como ocorrem na grande maioria dos sistemas agroextrativistas da América latina, caracteriza-se como uma atividade complementar dentro de um sistema produtivo diversificado.

Nos últimos dez anos, o carvão de coco inteiro ganhou destaque nos mercados regionais. Ele é utilizado essencialmente na indústria siderúrgica, que aproveita seu poder calorífico e seu alto teor em carbono nas operações de transformação do ferro-gusa. Porém, a queima do coco inteiro compromete parte da cadeia produtiva, visto que prejudica o aproveitamento das amêndoas e da massa do coco. Outro risco é o desrespeito ao ciclo natural da palmeira, na derrubada do cacho verde. Esse processo incentivou conflitos internos entre quebradeiras e moradores das comunidades.

Among the bottlenecks in the commercialization of the oil - as in the entire babassu production chain - is the devaluation of market value and the inefficiency of public policies to guarantee the flow of the product.

It is worth remembering that, before beginning their work in the babassu fields, coconut breakers still take care of their children and perform house chores, among other multitasks. Moreover, the gathering and conversion of the babassu, as it occurs in the great majority of agro-extractive systems in Latin America, is characterized as a complementary activity within a diversified productive system.

In the past ten years, charcoal made of whole babassu coconut has gained prominence in regional markets. It is used mainly in the steel industry, which takes advantage of coconuts' capacity to generate heat and its high carbon content in pig iron processing operations. However, the burning of the whole coconut disrupts part of the productive chain, since the almonds and its many by-products are lost in the process. Another risk is the disrespect to the natural cycle of the palm tree, and the extraction of the babassu bunch when it is still not ripe. The process has triggered conflicts between breakers and community dwellers.

Menina brincando no pilão, Comunidade
Pifeiros, Amarante do Maranhão/MA, 2012.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Girl playing with a pestle and mortar, Pifeiros
Community, Amarante do Maranhão,
Maranhão, 2012. Photo: Vanusa da Silva Lima.*

A presença das crianças na lida do babaçu, sobretudo das meninas, acontece de forma indireta. Vão aprendendo as atividades no decorrer do tempo. Geralmente, ajudam as mães no cuidado com irmãos menores e vão prestando pequenos auxílios. A necessidade e o aprendizado na prática vão formando, então, a nova quebradeira.

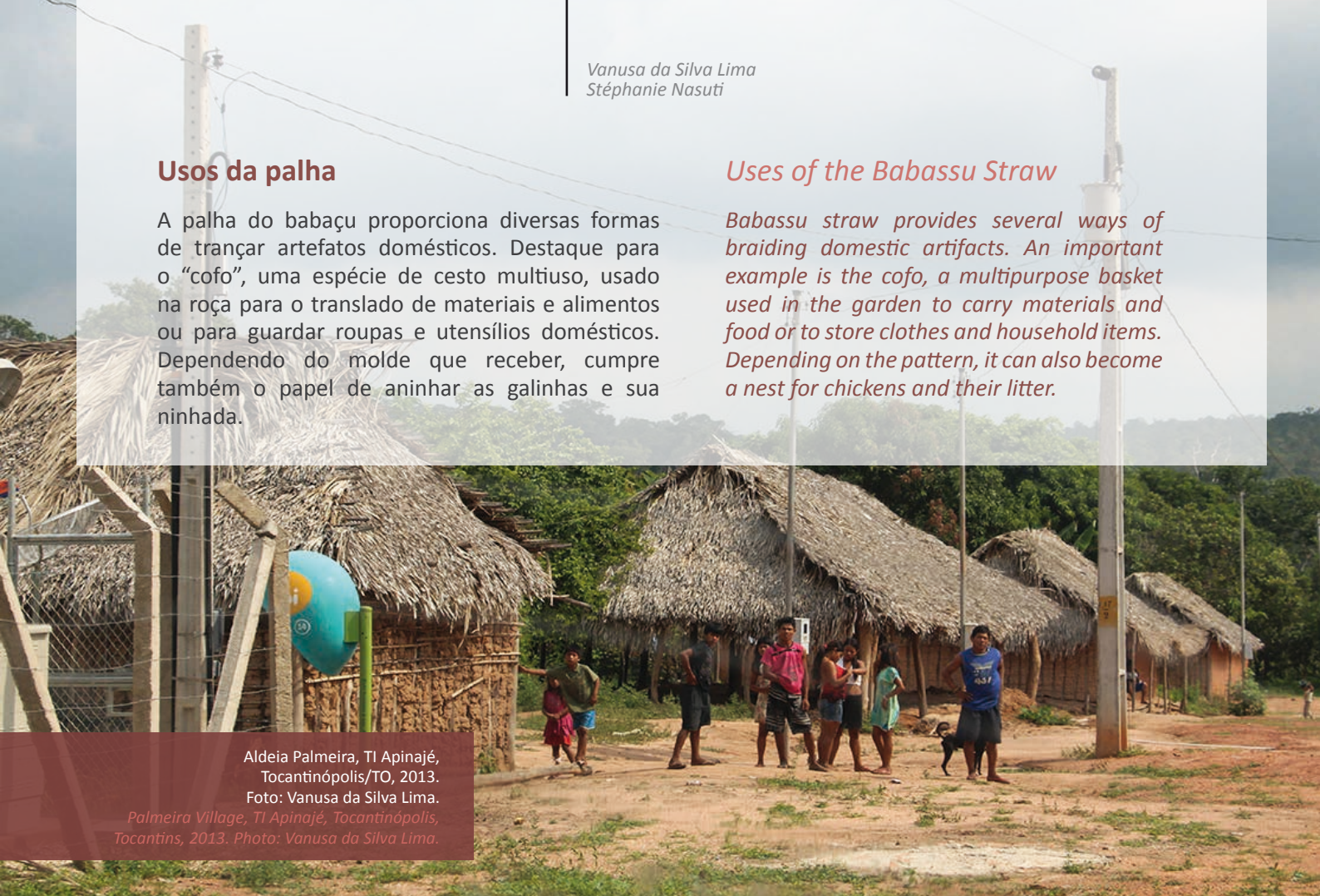
The presence of children in the babassu production chain, mainly of whom are girls, is indirect. They learn to work gradually, while they help their mothers by caring for younger siblings and with the house chores. Necessity and practice, both contribute to develop the skills of a young coconut breaker.

Usos da palha

A palha do babaçu proporciona diversas formas de trançar artefatos domésticos. Destaque para o “cofo”, uma espécie de cesto multiuso, usado na roça para o traslado de materiais e alimentos ou para guardar roupas e utensílios domésticos. Dependendo do molde que receber, cumpre também o papel de aninhar as galinhas e sua ninhada.

Uses of the Babassu Straw

Babassu straw provides several ways of braiding domestic artifacts. An important example is the cofo, a multipurpose basket used in the garden to carry materials and food or to store clothes and household items. Depending on the pattern, it can also become a nest for chickens and their litter.



Aldeia Palmeira, TI Apinajé,
Tocantinópolis/TO, 2013.

Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Palmeira Village, TI Apinajé, Tocantinópolis,
Tocantins, 2013. Photo: Vanusa da Silva Lima.*



Comunidade Jatobal, São Miguel do
Tocantins/TO 2012.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Jatobal Community, São Miguel do Tocantins,
Tocantins, 2012. Photo: Vanusa da Silva Lima.*

Com a mesma utilidade, porém totalmente rebuscado na sua elaboração, alguns cestos recebem o nome de “balaio”. Modelado com o objetivo de ficar mais bonito, ele serve para adornar a morada. O babaçu é também elemento fundamental na arquitetura do Brasil rural. Retira-se dele varas para dar corpo a casa de taipa e a palha é usada para a cobertura da casa. Com trançados se confeccionam as mensabas, esteiras feitas da palha do babaçu, que servem para forrar o chão ou para ser usado como portas, cama e até mesa de jantar.

Some of these baskets receive the name of balaaios when they are more ornamentally crafted. Styled to be decorative, balaaios adorns homes. Babassu is also a fundamental element in the Brazilian rural architecture. The sticks mold mud houses and the straw is used on the roof. Mats called mensabas are made from braided babassu straw to cover the floor or used as doors, beds and even dining tables.

Utilidades domésticas, povoado Viração,
Cidelândia/MA, 2007.

Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Household utilities, Viração Community,
Cidelândia, Maranhão, 2007.*

Photo: Vanusa da Silva Lima.



Vanusa da Silva Lima
Stéphanie Nasuti

Trançar de um cofo, Resex Ciriaco,
Cidelândia/MA, 2012.
Foto: Vanusa da Silva Lima.
Braiding a cofo.
Photo: Vanusa da Silva Lima.

Dona Helena, quebradeira de coco, Resex
Ciriaco, Cidelândia/MA, 2011.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Dona Helena, babassu breaker, Ciriaco
Extractive Reserve, Cidelândia, Maranhão,
2011. Photo: Vanusa da Silva Lima*

MULHERES DO BABAÇU / BABASSU WOMEN

Maria Helena, ou Helena Magra como é conhecida, é uma das figuras-símbolo do Universo Quebradeira. Os quase setenta anos de vida não abalam seu acordar matinal. Helena Magra é uma das boas quebradeiras de coco babaçu da Reserva extrativista do Ciriaco (MA). Participa ativamente dos eventos na comunidade e foi uma das primeiras a participar do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB).

Trabalha, também, na roça de feijão, que fica afastada da comunidade, exigindo de Dona Helena disposição para percorrer um longo caminho. Ela, acostumada com a lida, executa o trajeto em passos rápidos, sempre aberta para conversas e para risos fartos. Conta muitas histórias de superação. Em todas, Helena Magra é a principal personagem da vida real. Por isso, e pelo seu envolvimento em defesa dos babaçuais, é querida e respeitada em seu território. Não sabe quando adquiriu a destreza e rapidez na quebra de coco, diz que desenvolveu a habilidade sem notar. Armazena o coco em casa e, assim, nunca falta matéria prima para seu labor. Retira das amêndoas o leite e o azeite e deixa seus pratos com o tempero de uma vida toda nos babaçuais. Dona Helena tem seu próprio lote e tem ainda a possibilidade de escolher outras áreas para sua atividade de quebradeira. Parece se sentir feliz de poder viver em um ambiente em que não precisa estabelecer relações de compadrio para ter acesso a essa riqueza natural.

She also works in a bean field, which is located far from the community, thus devoting high deals of energy and disposition to walk the long distances. Accustomed to her chores, Dona Helena walks the trail in quick steps and is always open for conversations, always cheerful. She tells many stories of overcoming difficulties. In her real life stories, she is often the main character. For that reason and because of her involvement in the struggle for the conservation of the babassu, she is a loved and respected member of her community. When asked, Dona Helena says she does not know when acquired her dexterity in breaking babassu. In fact, she says, she has developed her skills so naturally that she has not even noticed.

Dona Helena stores babassu at home to have the raw material for her work. She makes the milk and the oil from the almonds and seasons her dishes with the flavor of a lifetime spent in the babassu forests. Dona Helena owns her own parcel of land and, as a consequence, is able to choose other areas for gathering babassu. She is happy to live in an environment where she does not need to establish modern-day slavery-like relationships, in which only a few land owners would have access to this natural wealth.

Maria Helena, or Slim Helena as she is also known, is an emblematic figure of the Universe of Quebradeiras. Seventy years of life have not altered her early morning awakening habits. Helena is one of the skilled babassu coconut breakers of the Ciriaco Extractive Reserve in the state of Maranhão. She actively participates in community events and was one of the first to participate in the Babassu Interstate Movement (MIQCB).



Creusa e o uso da esteira, Aldeia Girassol, TI Apinajé, Tocantinópolis /TO, 2016.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Creusa and her straw mats, Girassol Village, TI Apinajé, Tocantinópolis, Tocantins, 2016.
Photo: Vanusa da Silva Lima*

A liderança indígena Nhiro, também conhecida como Creusa, nasceu em 1966 e cresceu sob as sombras das fartas palmeiras. Do babaçu sabe todos os passos. É comum para o povo Apinajé o uso das esteiras trançada da palha. Com característica de ser um material para usos diversos, a palha pode ter o tamanho da necessidade do momento.

Junto com sua família, Nhiro mora no centro da mata, convive com grandes animais de caça, incluindo onças. Nada teme, sempre que se depara com as palmeiras, arrancha-se, quebra coco suficiente para abastecer seu cofo e o carrega consigo para temperar os pratos de animais que caça. Suas netas já aprenderam a lidar com o babaçu. Aprenderam com suas mães, que por sua vez aprenderam com Nhiro. Terras de babaçu

Creusa, a Nhiro indigenous leadership, was born in 1966 and also grew up in the shadows of the rich babassu palm trees. She seems to know everything about the babassu. It is common for the Apinajé people to use braided straw mats. Since the material has diverse uses, it can have the size of the moment's needs.

Along with her family, Nhiro lives in the middle of the forest, and doesn't seem to fear large animals, including jaguars. Nothing can stop her when she finds a babassu palm tree. She sits down, breaks enough coconut to fill her basket, and carries it to season the meat of the animals she has hunted. Her granddaughters have already learned how to work with babassu. They have learned from their mothers, who in turn learned from Nhiro.



Reinvidicação de quebradeiras pela demarcação da Reserva Extrativista Mata Grande, Brasília, DF, ICMBio, 2012.
Foto: Vanusa da Silva Lima.

*Babassu coconut breakers claiming for the demarcation of the Mata Grande Extractive Reserve, Brasília, DF, ICMBio, 2012.
Photo: Vanusa da Silva Lima*

TERRAS DE BABAÇU

As quebradeiras de coco entendem que as palmeiras não são propriedade de ninguém. Portanto, pertencem a quem tem real necessidade de extrair dela seu sustento, seja para o alimento diário ou para a comercialização do seu excedente. Dada a importância desse recurso na reprodução das famílias, não importa para elas onde estejam situadas as palmeiras, se em área de domínio privado ou público, posto que a sua localização não serve de empecilho para o exercício de suas atividades extrativas.

BABASSU LANDS

Coconut breakers share the common understanding that babassu palm trees are not private property but belong to those who need them to maintain their livelihoods, be it for subsistence purposes or to generate a small income. Given the importance of this resource in supporting their families, it doesn't matter to them where the babassu palm trees are located, whether in an area of private or public domain, since their location is not an obstacle to their extractive activities.

O acesso livre aos babaçuais, mesmo quando dentro de propriedades privadas, é uma das bandeiras de luta dessas trabalhadoras do campo, junto com a regularização fundiária e o acesso pleno às políticas públicas.

A Lei do Babaçu Livre começou a ser discutida no início dos anos 1990, simultaneamente à afirmação dessas trabalhadoras do campo como Quebradeiras de Coco Babaçu. Essa lei, que constitui uma inovação jurídica, foi primeiro aprovada a nível municipal em Lago do Junco, no Maranhão, em 1997. Serviu como motivação para as quebradeiras de outros municípios a se mobilizarem em torno da apresentação de projetos semelhantes. Hoje 15 municípios dispõem da legislação. Nas esferas estadual e federal a implementação da Lei do Babaçu Livre ainda não teve êxito.

Aprovada na Comissão de Meio Ambiente da Câmara dos Deputados em 2007, o Projeto de Lei 231/2007, por exemplo, esbarrou no argumento de que sua aprovação violaria o direito de propriedade privada e não foi levada a votação em plenário. Movimentos ambientalistas argumentam que é possível compatibilizar o direito privado às terras com o direito coletivo das quebradeiras.

Free access to babassu forests, even when there are located in privately owned properties, is one of the claims of these rural workers, along with land regularization and the full access to public policies.

The Free Babassu Law began to be discussed in the early 1990s, at the same time their self-affirmation as Babassu Coconut Breakers. This law is a legal innovation and was first approved at a municipal level in Lago do Junco in the state of Maranhão in 1997. It served as a motivation for the babassu breakers of other municipalities to present similar projects. Currently 15 municipalities have the own legislation on the matter. In a state and federal level, the implementation of the Free Babassu Law has not yet been successful.

Approved by the Chamber of Deputies' Environment Commission in 2007, the Bill stumbled over the argument that its approval would violate private property rights and was not voted in plenary. Environmentalist movements argue that it is possible to reconcile private land rights with the collective right of the babassu breakers.



Reinvidicação de quebradeiras pela demarcação da Reserva Extrativista Mata Grande, Brasília, DF, ICMBio, 2012. Foto: Vanusa da Silva Lima.

Babassu coconut breakers claiming for the demarcation of the Mata Grande Extractive Reserve, Brasília, DF, ICMBio, 2012. Photo: Vanusa da Silva Lima.



Caminhão transportando eucalipto, Estrada do Arroz, Imperatriz/MA, 2016. Foto: Vanusa da Silva Lima.

A truck loaded with eucalyptus, Rice Road, Imperatriz, Maranhão, 2016. Photo: Vanusa da Silva Lima

O avanço de áreas de plantio de soja e eucalipto na região conhecida como MATOPIBA⁴ representa uma nova ameaça ao trabalho das Quebradeiras de Coco, ao promover o desmatamento, queimadas e o envenenamento das palmeiras. Na região de Imperatriz/MA, a instalação de uma usina de beneficiamento de eucalipto marcha na contramão da conservação dos babaçuais, cobrindo-os por grandes extensões de plantio de eucalipto.

Outro exemplo é da implantação da usina hidrelétrica de Estreito, onde o grande lago inundou literalmente uma mata de babaçuais. Talvez, as novas gerações de quebradeiras daquela região nunca saberão que a área já foi, um dia, povoada por palmeiras que geravam o alimento e a renda de seus antepassados.

The introduction of soybean and eucalyptus plantations in the region known as MATOPIBA represents a new threat to the Coconut Breakers' work, by promoting deforestation, burning and palm poisoning. In the region of Imperatriz in the Maranhão State, a eucalyptus processing plant destroyed babassu forests by replacing them with large extensions of eucalyptus plantations.

Another threat to the babassu coconut breakers was the construction of the Hydroelectric Plant of Estreito. The plant's dam literally flooded a babassu forest. Maybe, new generations of babassu coconut breakers will never know that the area was once populated by palm trees that provided food and income for their ancestors.

⁴A expressão MATOPIBA resulta de um acrônimo formado com as iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Ela designa uma extensão geográfica que recobre parcialmente os territórios dos quatro estados mencionados. Na última década, diversas transformações socioeconômicas ocorreram nessa região ligada à ampliação da infraestrutura viária, logística e energética, tendo entre outras consequências o surgimento de polos de expansão da fronteira agrícola baseados na monocultura da soja, arroz, milho, eucalipto e algodão.

Continuar a viver no babaçal e do babaçal expõe os indivíduos a inúmeros desafios. A ausência de valorização econômica das amêndoas desvaloriza a cultura e a tradição. Além da pressão ininterrupta do agronegócio, que cerca os espaços geográficos, homens e mulheres têm que lidar com o processo de transformação e homogeneização de sua cultura, economia e educação.

Todos os segmentos extrativistas se veem inseridos, com poucas alternativas, em um novo modelo de sociedade que atinge, principalmente, os jovens dessas comunidades. Diante desse cenário, fica a questão: quais as perspectivas para que essas comunidades permaneçam em seus territórios e assegurem a transmissão do seu conhecimento tradicional?

To continue living off the babassu forests exposes the breakers to numerous challenges. The scant economic value of coconut almonds lessens the valorization of culture and tradition. In addition to the land pressure generated by the agribusiness sector, which surrounds the coconut geographical spaces, men and women have to deal with the process of transformation and homogenization of their culture, economy and education. All extractive sectors have been inserted, with few alternatives of change, in a new model of society that threatens mainly young people. Given this scenario, the question remains: what are the prospects for these communities to remain in their territories and ensure the transmission of their traditional knowledge to future generations?

Palmeira afogada pela barragem
no rio Tocantins, 2012. Foto:
Vanusa da Silva Lima.